

MEMÓRIAS DO TEMPO DE CRIANÇA:

um relato de experiência da infância indígena Xukuru-Kariri¹

MEMÓRIAS DO TEMPO DE CRIANÇA:

a story of the Xukuru-Kariri indigenous childhood experience

Huetçãwan Tavares da Silva (Huetyssan Xukuru-Kariri)²

Resumo: Este relato de experiência narra a minha história, Huetyssan Tavares da Silva, uma indígena do povo Xucuru-Kariri, residente na aldeia Mata da Cafurna. Compartilho memórias da minha infância, destacando a liberdade das crianças na aldeia, onde a ausência de tecnologias como a internet e a televisão fomentava brincadeiras ao ar livre e um profundo contato com a natureza. Lugares significativos, como o Ouricuri, um local sagrado para rituais espirituais, e o açude, onde aprendi a nadar com familiares e amigos, são retratados como centrais na formação das crianças. A educação na aldeia também inclui ensinamentos tradicionais sobre o uso e a preservação das ervas medicinais, transmitidos pelos mais velhos. A aldeia Mata da Cafurna, situada entre os biomas da Mata Atlântica e do Agreste, exemplifica a coexistência e a preservação ambiental. A relação íntima com a natureza é um tema central, refletindo o respeito e o cuidado ensinados desde a infância. Este relato destaca a importância da natureza na nossa cultura indígena e os esforços da comunidade para preservar nossas tradições e meio ambiente.

Palavras-chave: infância; infância indígena; crianças; crianças indígenas.

Abstract: This story of experience tells the story of Huetyssan Tavares da Silva, an indigenous person of the Xucuru-Kariri people, resident in the village of Mata da Cafurna. Share memories of my childhood, highlighting the freedom of children in the village, where the absence of technologies such as the internet and television encouraged brincadeiras to the books and a deep contact with nature. Significant places, such as Ouricuri, a sacred place for spiritual rituals, and the açude, where I learned to swim with family and friends, are portrayed as central to the formation of children. Education in the village also includes traditional teachings on the use and preservation of medicinal herbs, passed down through the ages. The Mata da Cafurna village, located between the Atlantic and Agreste Mata biomes, exemplifies coexistence and environmental preservation. An intimate relationship with nature is a central theme, reflecting the respect and care taught since childhood. This story highlights the importance of nature in our indigenous culture and the community's efforts to preserve our traditions and the environment.

Keywords: childhood; indigenous childhood; crianças; indigenous upbringings.

¹ Apoio técnico: Grupo de Leitura em Estudos da Infância (GLEI) da Universidade Federal de Alagoas - Campus do Sertão, nas pessoas de Cícero Ronaldo Misael da Silva, licenciando em Letras, e Jakson de Jesus dos Santos Lima, licenciando em Geografia, na mesma universidade.

² Indígena do povo Xukuru-Kariri, estudante de graduação do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND) da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Pariconha, Alagoas, Brasil. Email: huetysan@gmail.com

Meu nome é Huetyssan Tavares da Silva, tenho 27 anos e resido na aldeia indígena Mata da Cafurna. Faço parte da comissão de jovens lideranças indígenas do povo Xucuru-Kariri e sou filha de um dos caciques da aldeia, José Cícero Santana da Silva, conhecido como Cichinho Xucuru-Kariri. Minha mãe é Ednuzia Tavares Silva. Tenho dois irmãos, Warakidzã Tavares da Silva e Wirapararã Tavares da Silva, que também integram a comissão de jovens lideranças do nosso povo. Sou casada e tenho três filhos, duas meninas e um menino. Nasci na aldeia em 1995, quando ainda não havia energia elétrica. Na verdade, nasci no ano em que a energia chegou à aldeia, na casa da minha avó, Marlene Santana da Silva.

Minha infância foi ótima. Aqui na aldeia, sempre vivemos muito livres. As crianças não ficam presas dentro de casa. Em relação à escola, lembro que eram apenas duas salas de aula, debaixo de um pé de jaqueira. Minha família migrou da aldeia Fazenda Canto para Mata da Cafurna durante a retomada. A escola foi construída próximo a esse pé de jaqueira. Havia vários pés de cajueiro na frente da escola, e ao lado tinha uma farmácia onde os atendimentos de saúde eram realizados.

Minha turma estudava na casa da minha tia, pois a escola tinha apenas duas salas de aula, o que não era suficiente. Ela cedeu um quarto para ser usado como sala de aula. Minha tia, Alaide Santana da Silva, conhecida como tia Lau, foi minha primeira professora e a primeira professora indígena do povo Xucuru-Kariri na época.

As brincadeiras eram sempre ao ar livre, pois não havia energia elétrica na aldeia. Brincávamos de esconde-esconde, roubar bandeira, balanço, pular corda, entre outras. À noite, participávamos das noites de toré, momentos em que nos reuníamos para cultivar nossa cultura, dançar e seguir nossas tradições. Tenho boas lembranças do açude, onde minha mãe nos levava, junto com meus irmãos e primos, para aprender a nadar. Esses momentos nos finais de semana eram os melhores.

Em 2000, fui morar na cidade com minha tia Maninha Xucuru-Kariri, que era coordenadora da Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME) na época. Morei com ela por seis anos. Antes, eu estudava na escola da aldeia Mata da Cafurna. Na cidade, comecei a estudar na Escola Estadual Estado de Nova Jersey. Passava a semana na cidade e voltava para a aldeia nos finais de semana. Era uma alegria voltar, mas difícil partir novamente, especialmente durante a época de chuvas, quando tínhamos que descer a ladeira a pé, enfrentando a lama.

Tenho muitas lembranças boas desse tempo. Recordo-me também da Lagoa dos Pagão, onde meu padrinho criava gado. Quando os bois atolavam, nós ajudávamos a desatolá-los. Eu

estava sempre no meio dessas aventuras. Havia também a Mata da Jiboia, um local onde passávamos muito tempo, especialmente durante as épocas de manga e jaca. Até hoje, os jovens me chamam para ir lá, embora eu brinque que estou gorda demais para acompanhá-los.

Lembro também que, antigamente, não tínhamos água encanada. Precisávamos buscar água na bica, que ficava numa gruta na aldeia. Eu ia com minha mãe e outros moradores, carregando garrafas de refrigerante de dois litros para trazer água. Hoje sinto falta, mas na época eu chorava por ter que carregar água. Mais tarde, a água foi encanada. Lembro de uma vez em que, mexendo na caixa d'água, caí de cabeça para baixo dentro dela. Foi um susto, mas são essas memórias que formam minha história.

Sobre as memórias de infância na aldeia, tínhamos nossos lugares favoritos e importantes para nós como crianças. Vou falar do Ouricuri. Ele tem um significado muito grande para nós, enquanto indígenas, que nascemos e crescemos dentro da nossa religião. O Ouricuri é um local onde nos reunimos independentemente de chuva, sol quente, poeira ou fumaça. Esse é nosso local sagrado, onde nos entregamos de corpo, alma e coração, e aconteça o que acontecer, estamos sempre lá.

O açude é um lugar especial para mim. Foi onde aprendi a nadar com meus primos, irmãos, familiares e outras crianças da aldeia. Era nosso local de lazer, não havia outro lugar igual. A escola também é um lugar importante. Hoje trabalho lá, mas também fui aluna. Sinto falta da merenda daquela época. Minha avó era merendeira e, na hora do intervalo, a merenda era simples, mas deliciosa. Farinha de sardinha era a melhor coisa do mundo para mim e acredito que para todos os outros também. Na frente da escola, havia pés de cajueiro onde nos encontrávamos para brincar. Fazíamos balanços, pulávamos corda, armávamos redes e brincávamos de quebra de pote. Minha tia, Maninha Xukuru-Kariri, sempre fazia fuá de confeito e pipoca para nós nos finais de semana. A escola é um local cheio de lembranças fortes.

Há também a Jaqueira Mãe, que é um marco da história da Mata da Cafurna. Quando meus avós vieram da Fazenda Canto, junto com outras pessoas, ficaram debaixo dessa jaqueira. Até hoje, ela está lá. Recentemente, muitas jacas caíram e quebraram várias telhas da sala de aula, mas ninguém tem permissão para cortar a árvore, pois ela é um símbolo da nossa história.

A Lagoa dos Pagões é outro local significativo. É uma área de cemitério, onde enterramos crianças não batizadas. Meu padrinho criava gado lá, e íamos buscar o gado. Muitas vezes, os bois atolavam, e nós também, especialmente durante a época de chuva. Mesmo com o sacrifício, eu achava tudo muito divertido. Se eu não ia buscar o gado na lagoa, o dia não tinha graça. A quadra foi criada mais recentemente, quando eu já não era mais criança. Hoje,

estão construindo o Polo e a Unidade Básica de Saúde Indígena (UBSI) da aldeia no local da antiga quadra.

A Mata da Jiboia é outro local importante. Passávamos muito tempo lá, especialmente na época das frutas. Andávamos por lá, corríamos dos bois e fazíamos muitas festas. Lembro de uma vez em que fui para a Jiboia com uma galera e minha filha pequena. Ela chorava de medo dos bois, embora eles nem estivessem olhando para ela. Na Mata da Jiboia, fazíamos muitas atividades e nos divertíamos muito.

Por fim, há um campinho em frente à casa da minha sogra onde as crianças se reúnem para jogar bola. Não há um local específico para brincarem; eles usam a estrada no meio da aldeia. Quem estiver passando tem que parar, porque eles vão jogar bola, brincar de roubar bandeira, pular corda, enfim, se reúnem no meio da estrada mesmo.

Como naquela época não havia internet, brincávamos livremente no meio da aldeia. Hoje, vemos que as crianças e até os jovens relutam em brincar como fazíamos antes. Eles se interessam mais por telefones e internet. Temos dificuldade em fazer com que conheçam um pouco da história do seu povo; muitos não sabem relatar nada. Por isso, eu e alguns membros da comissão da juventude estamos trabalhando em um documentário, junto com a escola e as lideranças mais velhas. Eles fazem as entrevistas e filmam, enquanto eu e um professor montamos o roteiro. Tentamos trabalhar dessa forma para que se interessem pela nossa história. Muitos jovens não entendem que nada está garantido. Muitos deram suas vidas para conquistar o que temos hoje, e precisamos valorizar isso.

Com a questão do Projeto de Lei (PL), que era nº490 e agora é PL 2903, referente ao Marco Temporal, muitas aldeias podem deixar de existir se for aprovado. Até 1988, só existiam a Fazenda Canto e Mata da Cafurna. As outras aldeias podem ser extintas, e os jovens de hoje não se interessam por isso.

Brincávamos muito de esconde-esconde, uma brincadeira comum. Naquela época, poucas pessoas tinham televisão, pois as condições eram difíceis. Brincávamos de pular corda, jogar bola e passávamos o tempo nos quatro cantos da aldeia. Até recentemente, quando não tinha o que fazer, os meninos não me deixavam em paz, queriam que eu ensaiasse uma quadrilha. Mesmo com chuva, queriam que eu fosse para a lama.

Lembro de quando morava na cidade com minha prima. Nos finais de semana, ao subir para casa, sempre havia uma briga. Juntava uma turma de um lado e outra de outro para brigar, mas não sei o motivo. Uma vez, quando criança, estava andando de bicicleta com meu irmão mais velho e uma menina entrou na frente. Ele a atropelou, e ela ficou brava. Ele disse que a

mandou sair, mas ela não quis. Não tenho muitas memórias significativas dessas brincadeiras, eram normais. Brincávamos de mata, queimada, galinha atracada e galinha acocorada.

No açude, os adultos nos acompanhavam para garantir nossa segurança. A parede do açude tem uns 30 metros de profundidade, então eles estavam lá para nos ensinar a nadar e garantir que nada acontecesse. Alguns eram muito afoitos e iam ao açude independentemente dos adultos. Tomar banho no açude durante a chuva era uma delícia.

O ritual dos adultos envolve ensinar os filhos desde pequenos a respeitar nossa tradição e cultura. Aprendemos a guardar o rito e a cuidar da natureza. Alguns momentos do nosso ritual são abertos para quem não é da nossa religião, como o toré, que fazemos fora do Ouricuri. No Ouricuri, aprendemos a nos conectar com a natureza e com Deus, mas há partes que não podem ser reveladas.

A escola tem um papel fundamental em ensinar a viver na sociedade, onde precisamos aprender a lidar com as diversidades da vida. Para nós, enquanto indígenas, nunca foi fácil, especialmente na infância. Lembro que quando estudava na cidade, era complicado por causa do meu nome. Muitos riam, outros não ligavam, e alguns me chamavam de índia por não saberem pronunciar meu nome. Mas isso nunca me importou. Nunca tive vergonha de dizer que sou indígena e que sou Xucuru-Kariri. A escola nos mostra a realidade fora da comunidade e como é o convívio social lá fora.

Antigamente, o posto de saúde era conhecido como farmácia e ficava ao lado da escola. Mais tarde, foi construído um posto de saúde próximo à escola. Lembro que aquele posto de saúde era um ponto de encontro para nós. Ficava bem no meio da aldeia, ao lado dos pés de cajueiro, onde nos reuníamos para brincar.

Nossa infância tem uma relação profunda com a natureza. Nossa região está dentro da mata, e o Ouricuri fica no meio dela. Desde pequenos, aprendemos a cuidar e preservar a natureza, ensinados pelos mais velhos. Uma senhora chamada Marlene Leonardo sempre prepara remédios caseiros, como lambedores e garrafadas, e nos ensina a usar as ervas medicinais da mata. Ela mostra às crianças como cuidar e preservar a natureza, porque, quando precisamos, recorremos à natureza.

Nossa tradição cultural está profundamente ligada ao ambiente. Na nossa aldeia, Mata da Cafurna, temos dois biomas: a Mata Atlântica e uma parte do Agreste, que é quase sertão. A mata aqui é extensa e fechada, e fazemos de tudo para preservá-la, evitando o desmatamento e o lixo. Na escola, sempre trabalhamos a questão da preservação do meio ambiente.